



## 7ª Sessão

5 de junho de 2002

sinopse por Andréa Naccache

No programa do seminário, Jorge Forbes propôs uma apresentação do Novo Amor pela articulação entre inconsciente e responsabilidade - dois termos que, no uso corrente, costumam parecer inconciliáveis. Para tanto, eram sete os pontos a serem percorridos e Forbes os recapitula:

(1) **A atual proliferação da psicanálise pode levar a seu desconhecimento.** Há hoje grande difusão de uma clínica de influência psicanalítica que responde a demandas de saber e de sentido. A psicanálise que assim se faz - como um modo de saber mais - atende, afinal, à mesma demanda que uma vertente científica, com sua verdade empírica.

De fato, em um primeiro momento, foi esse amor à verdade a razão para se fazer análise. Hoje, porém, em face da constatação de que não há verdade no real, o amor pela psicanálise há de ser outro.

(2) **O diagnóstico estrutural - neurose, psicose, perversão - não é suficiente nos tempos atuais.** Ele permanece importante, porque permite pensar o desejo (histórico, obsessivo, perverso), mas não dá conta da dimensão pulsional, não faz face ao gozo.

(3) **A incidência da psicanálise na saúde é muito distinta das psicoterapias; é outra ética, outro resultado.** É cada vez mais difícil falar da psicanálise como terapêutica. Não para todos: uma corrente californiana tem proposto que a psicanálise seja só terapêutica, o que se coaduna com a oferta de soluções rápidas - fala-se até em tratamentos de uma única sessão.

(4) **O analista não busca o escondido além da palavra, mas o osso da própria palavra, como o poeta.** Trata-se de um contraponto ao relativismo do filósofo Richard Rorty: uma análise é para ser conduzida ao "osso". Por isso, o analista pode irritar-se ao longo do "relato do fim-de-semana" de um analisando (Éric Laurent). Lacan, diz Forbes, era assim: simpático, carinhoso e... irritado. Como entender sua irritação? Ele adorava ter cinco anos de idade, e impacientava-se como uma criança dessa idade, que tem contato com o bruto da pulsão.

Acrescenta: trata-se de buscar o osso da palavra como um poeta. Como Jorge Luis Borges, quando se propôs a diferenciar a poesia da transmissão ou da comunicação compreensiva e a buscar a experiência poética em estado de vida. Isso é fundamental para se ter em conta da junção da palavra com o gozo e perceber, ainda com Borges, que "a poesia não é estrangeira à vida"<sup>[1]</sup>.

(5) **O tempo em análise faz parte do tratamento, uma vez que toda a conclusão é, necessariamente, precipitada.**

(6) **Há mais de um tipo de final de análise e não é impossível que uma mesma pessoa os experimente.**

(7) **O Um da psicanálise não é o Um do padrão, do comum a todos, do conagraçamento; o Um da psicanálise é o que sempre escapa à apreensão. É o Um da singularidade forçando a invenção e a criatividade. Não há confronto quando não há o Um consolidado, pois aí uma razão não é maior ou menor que a outra. Isso tanto pode levar a psicanálise a repensar a sociedade, quanto a refazer a sociedade da psicanálise.**

O programa fundamental do seminário foi cumprido. Forbes, então, reserva um momento para observar o que os outros estão fazendo (faz menção à importância da alteridade, na frase de Rimbaud citada por Lacan: "eu é um outro").

Uma corrente muito diversa da psicanálise reforçou sua visibilidade nesta semana, com a reportagem de capa da revista *Time* publicada nos Estados Unidos, com a data de 10 de junho de 2002. Foi imediatamente traduzida pela Folha/UOL: "O estudo da ansiedade faz progressos significativos".

Trata-se de uma abordagem "científica" da ansiedade que tem início com uma alusão a sua função para a sobrevivência: impedir a pessoa de sentir-se demasiado segura. A "doença" é identificada quando o que perdura deveria ser apenas um sinal de alerta. O apelo da reportagem é claro: há hoje uma ansiedade generalizada nos EUA. Passados oito meses desde 11 de setembro, uma pesquisa *Time/CNN* revelou que dois terços dos americanos ainda pensam em ataques terroristas várias vezes por semana. A reportagem inclui um teste ao leitor para identificação da ansiedade, no qual doze perguntas praticamente não permitem diagnóstico diverso, e termina com uma solução medicamentosa para a superação da ansiedade.

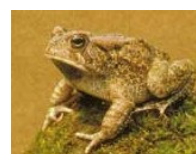
Anteriormente, Forbes havia comentado o episódio do menino que mostrou a língua para a professora nos Estados Unidos e foi gravemente punido, porque ela viu no gesto uma provocação sexual: as tentativas americanas de aplastamento da espécie humana não teriam êxito porque o desejo se manifestaria justamente dessa forma ridicularizante. Senão assim, eclodiria de modo violento, explosivo.

A perplexidade de Forbes diante do artigo da revista *Time* é por constatar que, se não se fez claro o ridículo da busca de homeostase num primeiro momento (nas vicissitudes da campanha pelo politicamente correto, por exemplo), agora, mesmo após a explosão, foi possível a essa cultura perseverar na ideologia de que tudo tem conserto, de que é possível falar do inefável.

O ansioso do atentado, diz Forbes, é aquele que não sabe como enfrentar o Outro após a queda do falo. A questão, portanto, desde 11 de setembro, tem sido ver o que será feito dessa irrupção do desejo no seio de uma ideologia homogeneizante. A revista *Time* insistiu em lhe antepor uma resposta biológica.

O artigo apresenta a "desordem de ansiedade" como "a doença mental mais comum nos EUA" (uma frase que irresponsabiliza imediatamente a pessoa). Os números são vultosos: 19 milhões de americanos sofrem de ansiedade, dos quais menos de 25% estão sob tratamento (de acordo com uma pesquisa da Universidade da Califórnia em Los Angeles - UCLA). Evidencia-se um imenso projeto de medicalização quando a solução é indicada: "certamente os anti-depressivos" - nominalmente: Prozac e outros - "até mais eficazes contra a ansiedade que contra a depressão".

A reportagem aponta no corpo dois focos de ansiedade, os quais seria preciso desarmar após a cessação do perigo. Um passa pela amígdala cerebelar e o outro termina no córtex cerebral. O problema americano tem sua versão médica, então, na descoberta de que os mecanismos de redução da ansiedade são mais resistentes que os da sua constituição. Por



isso, não é indicada apenas a pílula, atuante na amígdala, mas também um trabalho de reforço sobre o córtex por meio de psicoterapias... neobehavioristas.

A reportagem não deixa de mencionar Freud que, aos olhos da Time, era fascinado por ansiedade e reconheceu, desde cedo, haver duas formas principais dela, uma mais biológica e outra mais dependente de fatores psicológicos. Infelizmente - de acordo com o texto - os seguidores de Freud eram tão fascinados por suas idéias sobre sexualidade e conflitos irresolvidos que abandonaram o estudo dos aspectos biológicos da ansiedade.

Forbes enfatiza que tanto essa resposta biológica quanto a oferta do conhecimento de uma outra cena em nome da psicanálise são propostas análogas, por darem explicação sobre o sofrimento do paciente. Porém, por não se apresentar como representação (ficcional) mas, supostamente, como um conhecimento sobre a verdade, a ciência tem mais força hoje, e está disponível como eficaz substituta do tratamento por "explicações freudianas".

Enfim, diz Forbes, esse é o nosso alter-ego, com seu ideal de não ter ansiedade. Pergunta: como fica o relacionamento sexual sem ansiedade?

O que está na mídia de massa (Time) tem seu lugar também entre a intelectualidade, ou na assessoria da presidência americana. Forbes mostra a parecença ideológica entre a obra de Francis Fukuyama e a revista<sup>[2]</sup>. Num primeiro livro, de 1992, *O fim da história e o último homem* (Ed. Rocco), Fukuyama sustentava ter sido encontrada a paz (uma "pax americana", diz Forbes). Já em 1999, diante de alguns indicadores dos países desenvolvidos que o surpreenderam - níveis crescentes de criminalidade, desordem social, declínio das famílias e níveis crescentes de desconfiança - o autor lança uma segunda obra, constatando *A Grande Ruptura* (Ed. Rocco, 2000). Forbes concorda que tenha havido uma ruptura: com a globalização, a falência da orientação paterna.

Fukuyama reconheceu a semente da mudança nos anos 60 e sua aceleração na última década, e investiga as razões. Mas Fukuyama não deve estar ansioso, diz Forbes: ele acredita que a biologia vai zelar pela "reconstituição da ordem social" (está no próprio subtítulo do livro, *Natureza Humana e Reconstituição da Ordem Social*).

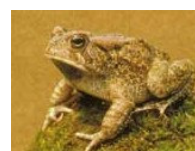
O neodarwinista Fukuyama aposta na salvação biológica. Afirma existirem, por exemplo, instintos morais e predisposições genéticas determinantes no restabelecimento da ordem (p.197). A chave, para ele, está no DNA, de que se depreende a possibilidade de uma seleção na espécie humana - um racismo, afinal.

Sustenta teses como a de que o homem tem uma propensão, como macho, a buscar a máxima propagação de seu sêmen, ao passo que as fêmeas são, por natureza, mais seletivas na escolha dos parceiros (o que ele generaliza a todas as culturas e também aos animais, na p. 108). A seu ver, o homem tem uma disposição natural à promiscuidade. Para Forbes, se for mesmo assim, "não dá para viver nesse mundo".

Fukuyama aponta sua base filosófica no pensamento de Antônio Damásio, que na obra *O Erro de Descartes* (Companhia das Letras, 1996) propõe uma busca da sede das emoções na biologia humana (especialmente no cérebro). O vírus ideológico que preocupa Forbes não se dissemina, portanto, apenas pelas mãos de Le Pen, mas também com a credibilidade desses intelectuais.

Ao concluir, mais uma vez diz ser preciso um interesse pela nossa alteridade, nosso interlocutor. Tanto a psicanálise quanto Francis Fukuyama têm um desafio em comum. As respostas que propõem, porém, são muito distintas.

Uma dificuldade a mais para a psicanálise é que as rupturas causadas pelo desejo não têm conduzido à responsabilidade mas sim, repetidas vezes, ao reforço dessa cultura biológica de forte apelo e muito vendável. A psicanálise persiste na responsabilidade.



<sup>11</sup>Em suas conferências de 1967-68, na Universidade de Harvard, em inglês, editadas sob o título *This Craft of Verse* (Harvard University Press, 2000). Há edição também em francês, na coleção Arcades, da Gallimard (2002), intitulada *L'art de la poésie*.

<sup>12</sup>Francis Fukuyama é, atualmente, membro do Conselho de Bioética da Presidência dos Estados Unidos e Professor de Economia Política Internacional na Paul H. Nitze School of Advanced International Studies. Em abril de 2002 foi lançada sua mais recente obra, ainda sem versão em português: *Our Posthuman Future, Consequences of the Biotechnology Revolution* (edição de Farrar, Straus and Groux, 2002).

